

## Resenha

# Novos cenários sociais:

## a cobertura do jornalismo sobre o surgimento do crack e da Aids



Fernanda Vasques Ferreira<sup>1</sup>  
Marcelli Alves<sup>2</sup>

BRUCK, Mozahir Salomão. *O jornalismo diante de novos cenários sociais: a imprensa e o surgimento da Aids e do crack*. São Paulo: Intermeios, 2015.

O livro *O jornalismo diante de novos cenários sociais: a imprensa e o surgimento da Aids e do crack* tem cinco capítulos e 176 páginas, trazendo a íntegra de entrevistas realizadas por Mozahir Bruck com Adriano Duarte Rodrigues, Nelson Traquina, Carlos Alberto de Carvalho, Eduardo Meditsch e Muniz Sodré. Os capítulos se dedicam a explicitar o que são os novos cenários sociais e como se dá a relação destes com a imprensa, da cobertura jornalística com esse novo paradigma que se apresenta imperativo: o surgimento da Aids e do crack. O trabalho reflete a trajetória de pesquisa do autor, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas, onde desenvolve pesquisas sobre a mídia e os cenários contemporâneos complexos apresentando estudos comparativos entre Brasil e Portugal realizado por importantes pesquisadores, como Nelson Traquina, em Portugal, e Carlos Alberto Carvalho, no Brasil.

“No caso do crack, que surgiu no Brasil no final da década de 1980, pode-se afirmar que a cobertura jornalística inicial foi marcada por narrativas mitificantes que tendiam a dar à droga superpoderes” (BRUCK, 2015, p. 14). A inferência que o autor faz e de que o crack impôs novos parâmetros em termos de comercialização e consumo de drogas, de modo a tornar mais frágil e instável a forma de conhecimento que a mídia e o jornalismo, mais especificamente, trabalhavam em torno da temática. A análise de 1996 a 2011 da cobertura do Jornal Estado de Minas, o jornal de maior circulação em Minas Gerais, demonstrou que esse novo cenário levou a uma cobertura jornalística enviesada, ressaltando aspectos mais “agudizados” da questão. Segundo Bruck (2015), a cobertura mais opacizou do que contribuiu para uma compreensão e um debate sobre a droga. Além disso, o autor explica que, em regra, as “falas” que reforçavam equívocos sobre o tema eram oriundas de fontes autorizadas – profissionais de saúde, policiais e assistentes sociais.

Outra cobertura que chamou a atenção foi a realizada pela imprensa portuguesa sobre a distribuição do ecstasy entre 2001 e 2011 no jornal Público. Em 2001, Portugal descriminalizou o consumo de drogas. Em Portugal,

<sup>1</sup> Doutoranda na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), mestre em Comunicação pela mesma instituição e professora na Universidade Católica de Brasília (UCB).

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação na Universidade de Brasília (UnB), professora assistente no curso de Comunicação Social - Jornalismo Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Bolsista da Fapema.

a distribuição de drogas não é considerada uma violência instalada e ampla. “Nos textos jornalísticos analisados, a droga é associada ao crime e raríssimas vezes a situações de violência” (BRUCK, 2015, p. 15)

Todavia, de largada Bruck (2015) explica que os contextos de produção, distribuição e de uso do crack e do ecstasy têm realidades radicalmente distintas: os usuários de crack, em regra, pertencem a classes com baixa renda e tendem a se tornar moradores de rua e eles mesmos repassadores da droga, com histórico de efeitos danosos e graves para a saúde do usuário de droga a curto e médio prazo; o ecstasy, por sua vez, não está associado à dependência química e tem, entre seus usuários, jovens e adultos de classe média e alta em situações específicas de diversões. “(...) o chamado tráfico direto e consumo do ecstasy não se dão em uma situação de crime e violência” (BRUCK, 2015, p. 15).

A partir da análise da cobertura jornalística do Jornal Estado de Minas, apreende-se que no Brasil o crack está associado – pela cobertura informativa – a circunstâncias e situações de violência, criminalidade, precariedade de políticas públicas como segurança, saúde e assistência social. A discussão que se coloca, portanto, no livro é a compreensão de como é o conhecimento que o jornalismo produz acerca da vida cotidiana.

Por um lado, o acontecimento, o objeto do jornalismo, aquilo que, a princípio, emerge da cotidianidade da vida, que vulgarmente denominamos de real. Por outro lado, o tipo de conhecimento que o jornalismo ajuda a construir e promover, sabidamente superficial e, especialmente nas últimas três décadas, em função dos novos regimes tecnológicos de produção e circulação da informação em todo o mundo, rapidamente perecível, e, também por ser resultado de complexas e imbricadas operações e condições concretas de produção, aqui sintetizadas na expressão *fazer jornalístico* [grifo do autor]. (BRUCK, 2015, p. 18).

O fato é que tanto na cobertura do crack quanto na abordagem da imprensa dos fenômenos da Aids, a cobertura da imprensa dá de modo fragmentado com uma “sobrevalorização” das fontes especialistas (saúde, segurança pública e autoridades administrativas). A dificuldade inicial de enquadramento e de angulação das matérias também contribuíram para uma sobrevalorização equivocada de algumas nuances em detrimento de outras. Isso, segundo Bruck (2015), talvez esteja associado ao ineditismo e complexidade dos dois temas revelando-se um obstáculo desafiador para construção de narrativas mais esclarecedoras no jornalismo. Em regra, a cobertura do crack e da Aids apresentaram percepções equivocadas, valores discriminatórios e desinformações sobre a doença e a droga.

O autor explica que as pesquisas que buscam compreender o fenômeno do surgimento e explosão do crack na sociedade brasileira chamam a atenção para o registro de dados, informações e histórias que não foram exatamente comprovadas, mas que passam a ser afirmadas e reafirmadas por jornalistas, por entrevista com usuários, familiares e traficantes, policiais, agentes de saúde pública. Uma das crenças é de que: “se queimar a pedra uma vez já está viciado”, que “o crack mata em poucos dias”, que “a pessoa

que fuma crack tem vontade de matar”, de que “o usuário de crack é irrecuperável”. Estas informações, segundo Bruck (2015), foram colhidas com o recorte feito para análise e reforçam imaginários a respeito da droga, dos usuários e dos modos como agentes de segurança e saúde lidam com eles.

Na imprensa, o crack apresenta imagens crônicas de um grave problema social. A droga está associada ao aumento da violência, da criminalidade, ao fortalecimento de grupos criminosos, ao crescimento do número de moradores de rua e à desagregação familiar. Em um primeiro momento da análise do corpus, observou-se que houve uma prevalência da desinformação sobre o crack, reforçando mitos e imaginários existentes. De acordo com Bruck (2015, p. 32), posteriormente, a análise do material empírico demonstrou uma instabilidade na cobertura, oscilando entre a visão inicial e percepções e tentativas de compreender o fenômeno do crack na amplitude de sua complexidade em termos sociais, econômicos, de saúde e de segurança pública.

“Em geral, as reportagens do Estado de Minas sobre o consumo e comércio do crack em Belo Horizonte tentaram apresentar ao leitor, por um lado, com dados bem objetivos, como o tráfico da droga se expandiu na capital mineira. Por outro lado, e ao mesmo tempo, os textos buscaram mostrar as graves consequências sociais e pessoais do consumo da droga: implosão das relações familiares, desemprego, miserabilização dos usuários, aumento da criminalidade e da violência e morte precoce” (BRUCK, 2015, p. 32).

A droga, segundo os estudos, ganha um status de ator social, é fetichizada em que a “pedra” tem a força de provocar efeitos sociais terríveis. Além disso, é associada ao trágico, ao mal, produzindo poderes “diabólicos”. A imagem que é produzida para o leitor é de uma droga satânica. O crack passa a ser um ator social e há uma delegação de saber para usuários, parentes deles e especialistas. Uma característica que chama atenção na cobertura jornalística é o fato de que a discursividade da imprensa está associada ao mítico, ao sensacional e ao espetacular em detrimento da informação esclarecedora.

O contexto do ecstasy em Portugal é diferenciado pela própria realidade europeia. A explosão da comercialização começou em 2001. No jornal Público, do total de 303 textos coletados, observou-se que as referências à droga são bem menos alarmistas no periódico português do que no periódico brasileiro. O ecstasy é nomeado no jornal como droga do amor e droga urbana e as fontes de informação utilizadas no corpus analisados são sempre autoridades e especialistas.

Outro cenário também analisado pela obra de Bruck (2015) corresponde aos estudos de Nelson Traquina, professor e pesquisador da Universidade Nova de Lisboa, referente ao Diário de Notícias (1981 a 1991) e ao professor e pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais, Carlos Alberto Carvalho, referente ao jornal Folha de São Paulo (1983 a 1987). “(...) vale ressaltar que, nos estudos considerados neste artigo sobre a abordagem pela imprensa dos fenômenos do surgimento e expansão da Aids, observou-se uma associação entre os efeitos de uma cobertura marcada por uma fragmentação de conteúdos e sobrevalorização das chamadas fontes de autoridade, ou seja, especialistas das áreas de saúde e autoridades governamentais” (BRUCK, 2015, p. 53).

O capítulo dois faz uma revisão bibliográfica dos sistemas de relevância de Alfred Schutz e os subuniversos de William James. Para James, a verdade é algo aberto e em constante movimento e, portanto, não é permanente e nem imutável. Isso teria influência nas bases do conceito de Schutz sobre as múltiplas realidades. James criou categorias de subuniversos da vida nos quais a realidade se “realizaria”: o mundo do sensível; o mundo da ciência; o mundo das verdades abstratas; os diversos mundos sobrenaturais; os diversos mundos da opinião individual; os mundos da loucura e da extravagância. Schutz denominaria, posteriormente, os subuniversos de James em províncias de significado finito. Interpretado por João Carlos Correia, citado por Bruck (2015, p. 59), “o que constitui a realidade é o significado da nossa experiência e não a estrutura ontológica dos objetos”.

Bruck (2015) explica que os quadros de tipificação de Schutz são modos de ver. “As tipificações por meio das quais os indivíduos ‘processam’ a vida cotidiana reúnem-se no que Schutz denominou de acervo de conhecimentos disponíveis” (BRUCK, 2015, p. 62). E desses sistemas de relevância e tipificações, Schutz teria discriminado pelo menos três funções importantes: determinam quais os fatos ou eventos têm que ser tratados como essencialmente homogêneos, transformam ações individuais únicas em funções típicas de papéis sociais típicos, funcionam tanto como um código de interpretação quanto um código para cada membro de um grupo, o sucesso nos processos de interação depende da congruência entre os códigos de orientação e interpretação entre os atores em relação.

Citando os estudos de Carlos Alberto de Carvalho e a entrevista realizada com o pesquisador que consta no último capítulo do livro sobre os estudos relativos a Aids, Bruck (2015, p. 78) explica que cabe ao fazer jornalístico ficar mais atento ao adotar enquadramentos fundamentados em pressupostos “evidentes” porque isso pode induzir a erros, reducionismos e a preconceitos.

O terceiro capítulo retoma a ideia de construção social da realidade de Berger e Luckmann e enfatiza o papel fundamental que os meios de comunicação desempenham nas sociedades interferindo na construção das mais variadas experiências individuais e coletivas. Por isso, na visão de James o jornalismo é um sub-universo que “operacionaliza seus métodos e discursos de modo a inscrever no tecido social suas compreensões de real e da vida cotidiana” (BRUCK, 2015, p. 88). O autor ainda ressalta que o jornalismo “interfaceia, sobrepõe, nomeia, desvela, opaciza, desmaterializa e faz encarnar. Tem o poder de fazer lembrar e fazer esquecer; de insinuar e de mitificar” (BRUCK, 2015, p. 88).

O capítulo quatro do livro faz uma reflexão sobre conceitos de Alfred Schutz e busca avançar na construção do conceito de cenários complexos inaugurais, de que trata o título do livro. Além de fazer uma releitura sobre Schutz, Berger e Luckmann, Bruck (2015) faz uma discussão sobre o que Meditsch reflete a respeito do conceito de construção social da realidade de Berger e Luckmann e como alguns autores têm interpretado os dois autores equivocadamente.

*Schutz, Sheherazade e o homem da rua: revisitando aspectos do jornalismo como construtor da realidade* também traz a discussão sobre matéria veiculada no telejornal SBT Brasil sobre “rapaz que, acusado de furto, depois de preso por populares no bairro do Flamengo, no Rio de Janeiro, foi espancado e amarrado a um poste” (BRUCK, 2015, p. 117). O comentário da apresentadora Rachel Sheherazade de que “era compreensível a atitude dos vingadores” causou polêmica. O questionamento feito por Bruck (2015) é se um jornalista pode falar como um “homem da rua”. E, nessa guisa, o autor explicita:

Um jornalista que fala como o homem da rua, no sentido que Schutz lhe confere, subverte lugares e posturas. Acaba por, perigosamente, se deixar levar por suas paixões e sentimentos e toma a intuição e a emoção como fontes primeiras, quando não exclusivas, do que pensa e do que diz. Estandariza o que é complexo, profetiza o caos, o fim das coisas e a vitória do mal, em um mundo, enfim em que não vale a pena projetar, tentar organizar e acreditar na lei e na capacidade da ação solidária e coletiva. (BRUCK, 2015, p. 121).

O quinto e último capítulo retoma pensamentos de Deleuze e Foucault e questiona o papel do jornalismo nesse contexto atual.

Profanar o jornalismo talvez nos indique um novo mapa em que o mito da objetividade – já tão debilitado – e a arrogância da verdade cedam terreno para a transparência e para o cumprimento de seu papel social fundante: dar a conhecer a qualquer cidadão o que na sua vida cotidiana anda bem, anda mal ou simplesmente nem se move. É um mínimo que esse cidadão espera, de um jornalismo que lhe promete tanto. (BRUCK, 2015, p. 145).

O livro, portanto, é um importante diagnóstico de como o jornalismo atua nos cenários complexos inaugurais – no caso da Aids e do crack – a partir de importantes reflexões teórico-conceituais, buscando sinalizar um caminho para jornalistas, para o jornalismo e para uma melhor construção da realidade social.